



**INGLÊS DE SOUSA E A *BELLE ÉPOQUE* AMAZÔNICA: UM ESTUDO SOBRE A
'CIVILIDADE' E A 'MATUTICE' NA ÓBIDOS DO SÉCULO XIX**

**INGLÊS DE SOUSA AND AMAZON *BELLE ÉPOQUE*: A STUDY ON THE 'CIVILITY'
AND 'PROVINCIAL' IN THE 19TH CENTURY ÓBIDOS**

Raquel Ripari Neger¹

Resumo: O presente artigo analisa a construção dos conceitos de 'civildade' e 'matutice' presentes no imaginário popular de Óbidos, Pará, no século XIX, utilizando-se dos personagens da prosa ficcional de Inglês de Sousa, no contexto da *belle époque*.

Palavras-chave: Inglês de Sousa; *belle époque*; Amazonas; urbanidade.

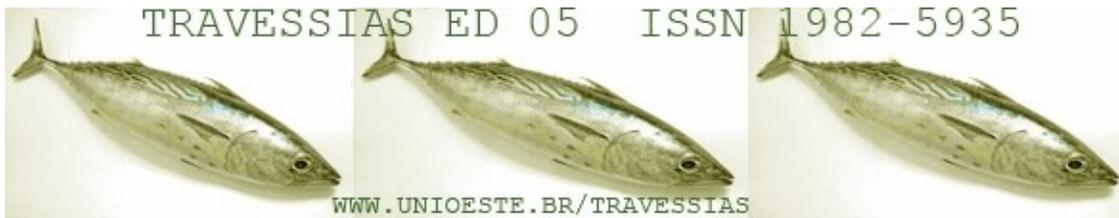
Abstract: This article analyzes the construction of the concepts of 'civility' and 'provincial' in the popular imagination of Óbidos, Pará, in the nineteenth century, examining the characters of the work of English de Sousa in the *belle époque*.

Keywords: Inglês de Sousa; *belle époque*; Amazon; urbanity.

1. Introdução

No final do Segundo Reinado, as elites do Pará e do Amazonas, encontram na crescente demanda internacional da borracha, então utilizada em larga escala pela indústria, condições propícias para aumentar seu capital. Com a consolidação da República e a conseqüente descentralização administrativa do país, as receitas e dividendos obtidos com as exportações, e que antes migravam para o erário federal, passam a ser geridos pelos próprios estados que a geram, dentre os quais o Pará e o Amazonas. Nesse período o governo brasileiro autoriza a navegação a vapor na bacia amazônica, viabilizando o livre trânsito de embarcações estrangeiras no curso de seus rios. A alta rotatividade de navios de bandeiras estrangeiras que aportam em Belém e Manaus acaba

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). raquel@neger.com.br



difundindo e favorecendo a incorporação de hábitos e costumes anglo-franceses entre as elites brasileiras. Procurando renovar seus vínculos burgueses e cosmopolitas, tais elites rendiam-se ao fascínio do consumismo desenfreado, pautado na aquisição de bens europeus, que incluíam de charutos e pó de arroz, até fraques e chapéu-de-sol. Nessa época uma vasta gama de estabelecimentos dos mais diversos ramos e atividades invade as ruas de Manaus e Belém, de chapelarias, relojoarias e casas de importação, passando por tabacarias, farmácias e confeitarias, até lojas de ferragens, joalherias e cabarés. Nos longínquos rincões amazônicos os costumes parisienses, entretanto, ganhariam contornos tão prosaicos quanto pitorescos, travestidos de um cosmopolitismo brejeiro, de uma civilidade matuta.

Se os ventos do progresso e do cosmopolitismo sopravam altaneiros sobre as capitais do Norte do país, não tardaria para que a pequena Óbidos, perdida no interior do Pará, sentisse os primeiros arrufos da viração em seus cacauais em flor. Como não contava com bons seringais, como os existentes no Pará e no Amazonas, a maioria de seus moradores dedicava-se à lavoura do cacau, cultivada em amplas e extensas faixas de terra e à coleta extrativista no vale amazônico. Nesse período Óbidos sofre uma série de drásticas e profundas transformações, que corroborariam para a consolidação e re-elaboração do conceito de ‘civilidade’ no imaginário popular. No porto da cidade a grande circulação de mercadorias e pessoas acaba por difundir novas idéias, modismos e interesses entre os ribeirinhos. Com modestos recursos, advindos majoritariamente da cultura cacaueteira, as esparsas reformas urbanas implementadas em Óbidos, não chegam nem perto das profundas transformações arquitetônicas e urbanísticas observadas em Belém e Manaus. É nesse contexto de euforia econômica e efervescência cultural, que Inglês de Sousa concebe e publica a obra *Cenas da Vida Amazônica*, coleção cíclica, composta de três livros: *O Cacauleira* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877) e *O Filho de um Pescador* (1877). Neles o autor retrata de modo singular e pitoresco os costumes e hábitos das populações ribeirinhas amazônicas, em especial, de Óbidos, sublinhando com graça e maestria o eterno embate observado entre a cidade progressista, reduto dos ‘civilizados’ e o interior atrasado, *locus* dos ‘matutos’

2. A *belle époque* amazônica ou a ‘Paris das selvas’



O período que se convencionou chamar *belle époque*, que se estende de 1880 a 1910, caracterizou-se pela crença na prosperidade, no progresso material, na ciência e no *ethos* urbano como forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas. Coroada pelos ideais de liberalismo da classe burguesa, a *belle époque* perpetrou as conquistas tecnológicas, a ampliação das redes internacionais de comércio e a incorporação de várias áreas do mundo - antes isoladas - à economia de mercado. Na alvorada da República, as elites do Pará e do Amazonas, encontram na crescente demanda internacional pela borracha, utilizada em larga escala pela indústria automobilística, condições propícias para consolidar sua fortuna. Enquanto as elites do Pará reuniam em seu cerne pecuaristas, grandes proprietários de terra e comerciantes, descendentes de tradicionais famílias portuguesas, as elites de Manaus, em contrapartida, formavam uma classe essencialmente urbana, composta por profissionais liberais e comerciantes. Desde o século XVIII medidas de cunho liberal, implementadas pelo Marquês de Pombal e que incluíam reformas econômicas, políticas e administrativas, já antecipariam os anseios liberais das elites amazônicas, só então concretizados com o boom da borracha. Na segunda metade do século XIX com a descoberta do processo de vulcanização, a borracha passa a constituir matéria-prima essencial na fabricação de artigos representativos da ‘civilidade’, tais como pneus de automóveis e bicicletas, luvas cirúrgicas, fios elétricos, cabos submarinos, etc.

O látex constava da confecção dos produtos mais expressivos da inventividade humana. Ele agregava uma série de características que o tornava um produto de particular importância para a produção industrial e para muitas das formas de consumo que passariam a ocupar um lugar de destaque como expressão de ‘civilização’ e ‘progresso’ (DAOU, 2000, p.35)

Entre 1850 e 1870 o governo brasileiro autoriza a constituição de uma nova unidade administrativa, liberando o uso da navegação a vapor na bacia amazônica e nela permitindo o livre trânsito de embarcações estrangeiras. Em decreto promulgado em agosto de 1852, o governo concede ao barão de Mauá o monopólio da navegação a vapor no rio Amazonas sob a égide da *Cia de Navegação e Comércio do Amazonas*, que mais tarde operaria em conjunto com a *Amazon Steam Navigation Company Limited*. A abertura do rio Amazonas a incursões comerciais e expansionistas internacionais, constituiu objeto de imperiosos embates travados entre o Brasil e os EUA, a França e



a Inglaterra, A política externa brasileira nesta época seria então duramente criticada pelo governo americano, que a acusava de ser “*oposta aos interesses liberais das nações civilizadas e amantes do progresso*”.

A abertura dos rios teria propiciado ‘a melhoria dos costumes’ e a possibilidade da gente do Amazonas e Pará viajar para a Europa, renovando seus votos cosmopolitas e garantindo a educação dos filhos nas universidades de Coimbra e Paris. A alta rotatividade de navios de bandeiras estrangeiras que aportavam em Belém e Manaus acabaria favorecendo a adoção de costumes e hábitos anglo-franceses pelas elites brasileiras. Nessa época a França era o maior centro irradiador e exportador de arte, culinária, alta costura e modismos, sendo referência cultural em todo o mundo, inclusive no Brasil. Viajar à Paris pelo menos uma vez ao ano, mais do que simples protocolo, era para as elites brasileiras uma forma de renovar os seus vínculos citadinos e burgueses. Nos longínquos rincões amazônicos os costumes parisienses ganhariam contornos prosaicos e burlescos, travestidos de um certo cosmopolitismo brejeiro. Neste contexto, entre o ataque inclemente de um carapanã e outro, o incauto cidadão amazonense tinha de zelar pela brancura imaculada de seu terno de casimira inglesa, sob a constante ameaça da revoada dos acauãs e das maritacas. Refestelando-se em cuias de mingau de ingá, e arrotando *foie gras*, o aspirante a cidadão devia observar os preceitos básicos da arte da charutaria, da ópera e do balé, após o domínio das técnicas de pesca do pirarucu, da tartaruga e do peixe-boi.

Neste período uma vasta gama de estabelecimentos dos mais diversos ramos e atividades comerciais invade as ruas de Manaus e Belém; de chapelarias, relojoarias e casas de importação, a tabacarias e confeitarias, até lojas de ferragens, joalherias e casas mortuárias. Uma enxurrada de lojas de vestuário, de alcunhas sugestiva, tais como *A Moda*, *A Formosa Paraense* e *A formosa Amazonense* invadem a seção de anúncios de jornais e periódicos, instigando ainda mais a imaginação das elites, ávidas pelas últimas novidades do toucador francês e do bom vestir europeu. Em meio a tal euforia consumista, é com grande alarde que lojas oferecem ‘camizas para senhoras’, ‘sedas lavradas e bordadas para passeios, baile casamento’ e ‘sedas de cambraia ricamente guarnecidas’, tudo isso – sublinhe-se – ‘importado diretamente dos grandes mercados europeus’. A casa de modas e confecções *Au Bom Marche*, de Belém, que se vangloria de “*receber todos os seus artigos de Paris*”, artigos estes “*finos e de bom gosto*”, arrola uma infinidade de itens de vestuário indispensáveis ao guarda-roupa da senhora elegante, dentre os quais, vestidos de seda *voilé* para passeios, *tailleur* de casimira, blusas de algodão, saias de lã, vestidos de saia de *matiné* de seda e renda, casacos de seda plissada, anáguas de



tafetá e cambraia, combinações bordadas à mão, corpinhos de cambraia, bolsas, leques, cintas elásticas, espartilhos, lenços e meias de seda entre outros. Oferece ainda lençóis e fronhas de linho, colchas de cetim bordado, tapetes, panos para mesa, rosto e banho, toalhas higiênicas, sombrinhas, perfumarias “do melhor fabricante de Paris”, escovas de cabelo, pó de arroz, sabonetes e artigos para unha além de enxovais completos para noivas e batizados. Já a *Grande Alfaiataria Civil e Militar*, situada à rua Marechal Deodoro 50, de forma senão mais lírica, pelo menos mais bem humorada, assim anuncia seus produtos:

As fazendas e os ternos bem talhados,
 Que destas casas saem aos milheiros,
 Pelos ricos e pobres são usados,
 Dando graça aos casados e aos solteiros...
 Por preços nunca vistos ou fallados,
 Nem usados por outros barateiros...
 E a promptidão da casa o expediente
 Com que tudo executa o seu gerente.

E a fama com que já gosa a competência,
 Que este estabelecimento, faz para a honra e glória
 Deste Estado, que vae em decadência,
 Que nas artes o põe em evidência
 E só tem este Sol em sua estória,
 E na indústria também lhe dá memória;
 Cantando espelharei por toda parte,
 Se a tanto me ajudar o engenho e a arte

Por uma insignificancia,
 Quem adora o janotismo
 Ali encontra a elegância!
 Ali se vende o chiquismo,,,
 Fazendas em abundancia
 Desafiando o dandismo!
 Uma casa sem rival
 Na rua do Marechal.
 Quem na ponta queira andar,
 E ter de rico a apparencia,
 Não tendo com que comprar
 Esse luxo, essa opulência...
 Bem se pode encadernar
 Mui barato e com decência,
 Na alfaiataria acima dita,
 Que nos preços não faz fita... ²

² Anúncio extraído da Revista Cá & Lá, no.8, maio, 1917. Manaus, Amazonas.
 Raquel Ripari Neger – revistatravessias@gmail.com

De apelo mais popular, destinado ao público masculino de classe média, que desejava usufruir a preços módicos e convidativos dos ícones da *belle époque*, a alfaiataria oferecia ‘fazendas e ternos bem talhados’ àqueles que ‘não têm com que comprar’ mas que pretendem forjar – como bem apraz ao aspirante a cidadão e dentro dos ditames da decência - de uma aparência de riqueza, opulência e luxo. Parafraseando Camões e enaltecendo a cultura e arte do estado do Pará, a loja orgulha-se de vender o ‘chiquismo’ para quem gosta do ‘janotismo’ e desafia o ‘dandismo’. Uma ‘civildade’ por assim dizer, mais democrática, com preços acessíveis a todos os bolsos. Da mesma forma que os estabelecimentos femininos, as lojas de vestuário masculino também ofereciam artigos importados, que iam de sobretudos, sobrecasacas, fraques, camisas de flanela, ceroulas de linho e de cretone, colarinhos e punhos, passando por gravatas, camisões, paletós de sarja, coletes de fusão Piquet, até suspensórios, guarda-chuvas e bengalas feitas de cerejeira, prata, marfim e madrepérola, tudo vindo “diretamente das principais fábricas da Europa”. A grande sensação do setor, entretanto, o supra-sumo da ‘civildade’ européia, era o pijama, que feito de flanela e tecidos grossos não era lá muito aprazível nas noites equatoriais, de calor úmido e tonitruante. O preço do cosmopolitismo era pago com as sezões e as noites mal-dormidas, atenuadas com muito suco de caju e graviola durante as madrugadas insones. Peça de fundamental importância também no guarda-roupa da *belle époque* era o chapéu, encontrado em grande variedade de feitios, formatos e forros, com plumas, pedrarias, fitas, flores e tecidos diversos. A *Chapelaria Americana*, num anúncio publicitário do começo do século XX, assim o define:

O estylo é o homem! –
Dizia Eflon, um sábio de tom...
Está provado hoje em dia
Que era um erro de Buffon!

Um erro! Um erro profundo
Digno de eterno lábeo:
Pois sabe hoje todo o mundo
Que o homem...é o chapéu!

Acreditem! Não respingem!
É a Sciencia que o diz:
Pelos chapéus se distinguem



Os gênios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito
Com um chapéu de forma vil,
Amarrotado e mau feito,
Diz-se logo: “Que imbecil!

Mas quando alguém aparece
Trazendo no craneo, ao sol
Um chapéu que resplandece,
Que brilha como um farol,

Um chapeo limpo, correcto,
Que attrahe e seduz o olhar,
Com o seu encanto secreto,
Com a sua forma sem par,

Admirando o cavaleiro,
Diz a gente: Sim, senhor!
Ou é um grande banqueiro,
Ou é um grande escriptor!

Pois bem, queres ter talento,
Dominar a terra e o céu
Com vôo do Pensamento?
Quereis ter um bom chapéu?

A Sciencia não vos engana...
Tereis um chapéu ideal,
Comprando-o na Americana
Do carvalho Portugal !³

Amparado pelo dogma de que o homem é o chapéu que usa, o trocadilho reflete com perfeição o espírito da *belle époque* amazônica, que rotula e segrega os indivíduos segundo seu modo de vestir, falar e se comportar na urbe. Neste sentido, assim como o chapéu determina o caráter, o talento, a posição e a ocupação de um homem, sua maneira de proceder e pensar também define seu grau de ‘civilidade’. Se o chapéu distingue ‘os gênios dos imbecis’ e delata a aptidão e status social de um banqueiro ou escritor, também pode identificar o ‘matuto’ que desconhece as operetas de Ponchielle e a emulsão de Scott. Não afinado com as novas tendências, hábitos e modismos cosmopolitas, o ‘matuto’ torna-se sinônimo de atraso, rusticidade e deselegância.

³ Anúncio extraído da Revista Cá & Lá, no.12, set., 1917. Manaus, Amazonas
Raquel Ripari Neger – revistatravessias@gmail.com



Além das casas de moda e chapelarias, avultam em Belém e Manaus, os frigoríficos, as padarias e as confeitarias. O *Frigorífico Bohemia*, de Belém, “o estabelecimento do gênero mais bem instalado no Norte do Brasil”, oferece peixes, legumes, frutas, mariscos e queijos, com “importação directa da Europa, América do Norte e Sul do Brasil”. Por seu turno a *Fábrica Bijou Pereira, Santos e Cia*, com cinco filiais só na cidade de Manaus, gabando-se de ter ganhado vários prêmios em exposições de Bruxelas e Rio de Janeiro, possuía seções de padaria, confeitaria, botequim e *biscoutaria*. Em caprichosas vitrines exibia pães, biscoitos, torradas, doces secos, roscas de farinha de milho, bolachas e confeitos. Finas guloseimas, que servidas no abrasador calor das chiques salas de estar de Belém, manchavam com nódoas suíças as delicadas luvas de renda e cambraia das moças. Já a *Fábrica Mimi*, dispendo de um motor *Meitz & Meiss*, orgulhava-se de respeitar os mais rigorosos preceitos higiênicos e técnicos das fábricas de panificação da cidade. “Para o beneficiamento do milho e outros cereais, é a casa onde se encontram instalações mais completas. A farinha de milho que se vende allí, até agora não encontrou rival: é pura, limpa e cheirosa”⁴. Nas largas e amplas avenidas de Belém e Manaus fácil era encontrar uma fábrica de tabaco ou tabacaria, o *locus* por excelência do homem refinado e de bom gosto. Na *Tabacaria e Fábrica Globo*, o cliente podia optar pelos cigarros *Políticos* e *Ouro Negro* ou ainda o no. 2 ou 3 da própria casa, enquanto que na *Tabacaria Boer* os destaques ficavam por conta dos cigarros *Rio Branco*, *Boer*, *Jockey Club*, *Diplomata*, e *Araçá*. As tabacarias de um modo geral dispunham de grande sortimento de artigos especializados, tais como charuteiras de prata e de couro, cachimbos, cigareiras de ouro, piteiras de espuma e âmbar, etc. No promissor cenário da *belle époque* amazônica, despontavam as casas de importação e exportação, os armazéns de ferragens, as farmácias, os cabarés, as lojas de piano e partituras, as relojarias. O cenário cultural das capitais nortistas espelhando-se na efervescência das noites parisienses, brilhava com seus cafés-concerto, cabarés, operetas, balés e teatros, com destaque para o Teatro Amazonas e o Teatro da Paz, em Manaus. Cervejas e chopes gelados de frigorífico alemão, licores, vinhos, champanhe, confeitos e sorvete eram servidos em bares e confeitarias de Manaus, em mesinhas que à moda parisiense se perfilavam sobre as calçadas apinhadas de gente.

⁴ Anúncio extraído da Revista *Cá & Lá*, no.5,out.,1917. Manaus, Amazonas.



Em visita à Belém, em 1859, Ave-Lallement, teria se admirado com as “ruas de bom aspecto, casas distintas, igrejas vetustas e um antigo convento”, impressionando-se sobremaneira com os trajés dos homens e mulheres do Pará, em apurada concordância com a moda francesa. Em 1894, Belém possuía uma área igual à de Madri, cortada por amplas avenidas e estradas que corriam em direção aos novos bairros, próximos ao Porto. A cidade refulgia com praças ajardinadas, edifícios suntuosos, escolas, hospitais e monumentos. No setor de serviços surgem as casas bancárias, as firmas seguradoras e as companhias de serviços urbanos (telefone, telégrafo e estrada de ferro). Nessa época chegam da Itália, Portugal e França materiais de construção e profissionais qualificados, visando reformular com requintes e bom gosto as fachadas dos prédios públicos da cidade. Entre 1892 e 1896, sob a administração do engenheiro militar Eduardo Ribeiro, Manaus sofre suas primeiras transformações arquitetônicas e urbanísticas, referendadas pelo código municipal de 1893. Nesse período, vários serviços urbanos como a iluminação elétrica, a pavimentação das ruas, a circulação de bondes e o sistema de telégrafos se fazem notar no espaço urbano.

Em viagem à Manaus ou Belém, o estrangeiro não podia esquecer de acrescentar à sua bagagem, além do fraque para a ópera e o frasco de água de colônia, o elixir *Anti-Epidérmico Beirão*, curativo de febre amarela, cólera, febres intermitentes, bexiga, tifo, disenteria, beribéri e influenza. Esse poderoso remédio, que devia ser ingerido duas vezes ao dia e era “indispensável ao recém-chegado” permitia ao mesmo “regressar milagrosamente ao seio da família”, depois de percorrer “regiões em grande parte miasmáticas”. Mas se o azarado estrangeiro sobrevivendo ao ‘vômito preto’ ou à ‘pústula maligna’, fosse vítima de picadura de aranha ou arraia, podia recorrer ao emplastro *Arraiol*, encontrado nas melhores drogarias de Belém. Para problemas no fígado, baço ou estômago, o forasteiro tinha ao seu alcance a *Água de Gerez*, importada de Portugal e distribuída exclusivamente em Manaus por *Lino Aguiar e Cia*. Manchas, caspas e espinhas, podiam ser removidos como o sabão *Aristolino*, composto de “poderosos e soberanos vegetais da Floresta Brasileira”, com “ação curativa surpreendente”.

Em Manaus as reformas urbanas estimulam novas formas de interações sociais, em decorrência da ampliação do lócus de sociabilidade, como as praças, coretos, teatros, bailes, clubes, etc. Novas instituições culturais e recreativas, religiosas e laicas surgem em Belém e Manaus, reunindo a população em grêmios, associações partidárias e étnicas, lojas maçônicas, sociedades musicais e agremiações científicas. A elite da borracha passa a freqüentar as reuniões dançantes, as



soirées, as tertúlias literárias, os banquetes e bailes, acompanhando as corridas de cavalo no *Jockey Clube Paraense* e no *Coliseu*. Os espetáculos apresentados nas casas de ópera causavam *frisson* entre as elites cidadinas, sedentas por espetáculos e entretenimentos do Velho Mundo. No Teatro da Paz, em Belém e no Teatro Amazonas, em Manaus, um conglomerado de sedas e cartolas desfilava ao som de Caruso, agitando-se aos acordes das operetas e zarzuetas. Em cartões-postais enviados a parente, turistas de passagem pela cidade de Manaus registravam suas impressões diante da opulência local. Menções ao teatro Amazonas eram sempre acompanhados de adjetivos pomposos, tais como, ‘suntuoso’, ‘magnífico’, ‘grandioso’, sendo Manaus considerada a “nova Paris [...] grande cidade moderna e vibrante da Amazônia” (SEVENKO, 1998, p. 32), onde se podia provar caviar, tomar cerveja alemã e divertir-se com as francesas libertinas.

3. A *belle époque* de Óbidos

Óbidos nasceu de uma fortificação erigida em 1697, no trecho mais elevado e estreito da margem esquerda do Rio Amazonas, ponto estratégico para se observar a aproximação de navios inimigos. Uma fortaleza militar feita de madeira e taipa de pilão, logo seria construída, permanecendo no local durante todo o período colonial. Nas imediações desse Forte, dois padres capuchos da cidade de Piedade erigiram um aldeamento, que por muito tempo serviria como entreposto fiscal e militar para as embarcações do rio Amazonas. Conhecida inicialmente como Aldeia dos Pauxis, a pequena povoação do Baixo Amazonas, que possuía cerca de 300 habitantes, entre brancos e nativos, foi batizada, em 1758, pelo governador do Estado do Grão-Pará, Francisco Mendonça Furtado, como Vila de Óbidos. Tendo como substrato econômico a produção cacaueteira, tal vila conheceria, em 1858, o progresso e a pujança econômica, elevando-se - para o contentamento e orgulho de seus habitantes - à categoria de cidade. Em visita a Óbidos, em 1788, o sexto bispo do Pará, D. Caetano Brandão, teria se impressionado com a prosperidade da cidade, então principal centro agrícola e comercial do Baixo Amazonas:

“Óbidos, é umas das povoações mais opulentas do Estado, conta para cima de 900 almas, entre moradores índios e brancos. A Vila está sobre uma colina olhando para o Amazonas, com a planta assaz bela, casas arruadas, mesmo coberta de palha, com alinhamento. A Igreja é demasiada pequena para o número de fregueses”.



Conforme descreve Ferreira Penna em seu relatório estatístico *A Região Ocidental da Província do Pará*, publicado em 1869, Óbidos era composta basicamente de duas praças e nove ruas – estreitas e sem calçamento - que se inter cruzavam em ângulos retos. Os prédios públicos resumiam-se a Câmara Municipal - alocada num prédio velho e alugado - a duas igrejas centrais, uma delas em ruínas, ao Forte dos Pauxis e à Cadeia pública. Embora modesta e incipiente, o município já contava com algumas casas de pequenos negócios e alguns estabelecimentos comerciais, tais como padarias, drogarias, açougues, olaria, alfaiatarias, loja de ourives e oficinas de ferreiros. O porto de Óbidos, neste período, apresentava intenso movimento, com grande fluxo de mercadorias e viajantes que lá aportavam em barcos e canoas à vela ou nos vapores da *Cia do Amazonas*. De acordo com Ferreira Penna, na segunda metade do século XIX, Óbidos contava com aproximadamente 1.120 moradores, que viviam em cerca de 200 a 300 casas, a maioria delas construções sólidas, cobertas com telhas. O naturalista inglês Henry Bates, que em duas ocasiões estivera na cidade, uma em 1849 e outra em 1852, assim a descreve:

É uma das cidades mais aprazíveis da beira do rio. Os habitantes, pelo menos na época da minha primeira visita, eram gente ingênua, cortês e sociável. (...) Raramente se vê uma choupana coberta de palha, pois poucos índios moram por ali, agora (...) as classes mais elevadas da população são compostas de famílias brancas tradicionais, que mostram entretanto em alguns casos, traços de sangue índio e negro em seus descendentes (...) (BATES, 1974, p.102)

Como a comarca de Óbidos não contava com bons seringais, a maioria de seus moradores dedicava-se à lavoura do cacau, cultivada em amplas e extensas faixas de terra ao longo dos rios. Além da cacauicultura, outras atividades econômicas complementavam a economia local, tais como a criação de gado, a pesca de pirarucus e o extrativismo vegetal. Neste, destaca-se coleta de castanha-do-pará, do cravo, da salsaparilha, da canela, da baunilha, do puxuri, da copaíba e do urucu nas florestas do vale amazônico. Em 1880, Óbidos exportava mais de 1000 arrobas de cacau ao ano, abrigando 50.000 cabeças de gado e se consolidando como uma das economias mais promissoras da região. Se os ventos do progresso e da ‘civilidade’ sopravam sobre as cidades de Belém e do Amazonas, logo Óbidos sentiria os arrufos da viração em seus cacauais em flor. Nesse período a cidade começa a sofrer uma série de drásticas e profundas transformações, que corroborariam para



consolidação do ideal de ‘civildade’ no imaginário ribeirinho. Sob esse ponto de vista, teria Óbidos, ainda que a sua maneira, também tido a sua *belle époque*? Como teria ela se desenvolvido e de que modo?

Em 1870 a cidade recebe sob os aplausos entusiasmados da população, a iluminação pública a querosene, que com postes feitos de madeira de lei, trariam uma certa suntuosidade às precárias ruas de terra. Em relação à iluminação, o crítico literário José Veríssimo em visita à cidade natal, comentaria entre irônico e perspicaz: “É sim, iluminada a querosene...exceto nas noites de luar e em algumas noites escuras”. Isso porque o serviço de energia elétrica, só chegaria a Óbidos de fato, bem mais tarde, em 1926, durante a administração do Intendente Dr Corrêa Pinto. Até 1871, a Prefeitura Municipal de Óbidos funcionava num prédio locado e em ruínas, mais condizente com a imagem de vila e povoado retrógrado que fora antigamente. A Câmara Municipal, na *belle époque* amazônica como pilar do progresso e do desenvolvimento citadino tinha que refletir e espelhar de forma convincente a nova política cosmopolita. Com subsídios do Poder Imperial e a aprovação da Lei Provincial no. 668, a prefeitura ganha neste período um logradouro próprio, estabelecendo-se numa antiga construção do século XVII, situada à rua Deputado Raimundo Chaves, e que antes pertencera à família Lago da Costa. Nessa linha de reformas urbanas, a prefeitura firma, em 1875, um contrato para a restauração da Igreja Matriz e a execução de serviços de limpeza do Cemitério da Pça de Sant’Anna, ao lado da Antiga Cadeia Pública, cemitério este tomado pelo mato e abandono. A circulação de bois, galinhas e porcos, criados soltos pelas ruas e esquinas da cidade passa então a ser proibido por lei municipal.

Em 1871 o Presidente da Província do Pará e o Presidente da Câmara Municipal, o Cel José da Gama Bentes lança a pedra angular da primeira escola mista da municipalidade, ao lado da Escola particular “Santa Maria”, dirigida pela Mestra Maria Magdalena de Pinna Printes. D. Moraes Torres, fundaria em Óbidos, em 1846, o Seminário São Luiz de Gonzaga, mantido com a ajuda de civis e com as contribuições da Fazenda Nacional. O sistema educacional em Óbidos, assim como em outras cidades do Pará e Amazonas, encontrava-se atrelado ao ensino religioso e secular, evidenciado pela proliferação de seminários, colégios franciscanos e pastorais educacionais. Em 1886 a Sociedade Artística Obidense e a Banda de Música Municipal são criadas, sob a presidência do Major Loreço Ferreira Valente do Couto. Por esses tempos as animadas recepções à moda européia realizadas em casa de particulares, com músicas, danças e recitais tornam-se freqüentes entre a jovem população



solteira da cidade. Enquanto nos bailes dançantes de Manaus, senhoras da alta sociedade refrescavam-se com guaraná e sorvete de ananás, nos ermos rincões de Óbidos, ilustres convivas atacavam impiedosamente tigelas de mugunzá e ovos de tartaruga. Com modestos recursos, advindos majoritariamente da cultura cacauieira e apesar da boa vontade das autoridades, as esparsas reformas urbanas implementadas em Óbidos, não chegariam nem perto das profundas transformações arquitetônicas e urbanísticas observadas em Belém e Manaus.

4. Inglês de Sousa e *Cenas da Vida Amazônica*

Apaixonado por sua terra natal e por sua gente, Inglês de Sousa retratou de modo fidedigno e pormenorizado o ambiente físico e o modo de vida da sociedade cacauieira amazônica, do terceiro quartel do século XIX. Em seus romances ele descreve os costumes e hábitos dos matutos das isoladas fazendas de cacau e das pequenas vilas ribeirinhas, entre elas, Óbidos e Silves. Tais hábitos e costumes abarcam a rotina doméstica, a sociabilidade provinciana, os conflitos latifundiários, os preconceitos raciais, o linguajar regional e as superstições e credices populares. Coadunando prosa ficcional com relatos históricos, o autor oferece um quadro fiel e marcadamente documental da cultura cacauieira amazônica de seu tempo. Foi precisamente por esquadriharem o cotidiano, retratando os costumes e hábitos populares, que suas obras são consideradas preciosas fontes de informação, revelando registros de inestimável valia para uma leitura socioantropológica. De acordo com Alfredo Bosi (1990, p.20), Sousa destaca-se de seus contemporâneos regionalistas por trazer para a ficção brasileira a realidade ambiental e social da região amazônica, usando uma prosa objetiva e analítica, voltada para o exame dos fatos históricos. Inglês de Sousa retrata o processo de re-europeização pelo qual o país passaria em meados do século XIX, assimilando os hábitos, costumes e padrões de comportamento anglo-franceses.

(...) a velha sociedade rural de vida rústica e isolada, relativamente homogênea e indiferenciada quanto ao modo de vida, progressivamente foi sendo substituída por uma sociedade urbana, estratificada em distintas camadas sociais, e que cultivava os hábitos, padrões e comportamentos culturais europeus (FREYRE, 1996, p.30)



Neste contexto, a tradicional família patriarcal passa a adotar o resguardo da intimidade, a livre escolha amorosa, o individualismo, o discurso romântico e o *ethos* urbano. Entre os anos de 1840 e 1880, ao declínio e estagnação do ciclo cacauceiro, segue-se uma crescente expansão do ciclo da borracha, cuja demanda internacional não pararia de crescer. A partir de 1850 uma série de fatores decorrentes desse desenvolvimento passa então, a ter um efeito perceptível sobre os índices econômicos, demográficos e sociais da região amazônica. Entre eles, a melhoria nos sistemas de transportes fluviais, a abertura do rio Amazonas à navegação internacional, a imigração nordestina, o surgimento de novos núcleos e povoados e o crescimento populacional de capitais como Belém e Manaus. De 1850 a 1870, a população da Amazônia pularia de 200 mil para mais de 322 mil de habitantes, um acréscimo demográfico superior a 50%.

É durante tal fase de euforia econômica e efervescência cultural, que Inglês de Sousa publica sua série *Cenas da Vida Amazônica*, composta de três livros: *O Cacauleiro* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877) e *O Filho de um Pescador* (1877). Idealizada para ser uma coleção cíclica de romances ambientados na Amazônia, *Cenas da Vida no Amazonas* foi inspirada em modelos semelhantes aos já existentes na literatura realista e naturalista européias. Tanto *O Cacauleiro* quanto *O Filho de um Pescador* teriam sido publicadas em 1876 nas páginas do Diário de Santos e da Tribuna Liberal, em São Paulo. Apesar de romances independentes, tanto *O Coronel Sangrado* quanto *O Cacauleiro* formam uma unidade no que se refere à seqüência e tessitura da narrativa. *O Coronel Sangrado*, neste sentido, dá continuidade à trama de *O Cacauleiro*, acrescentando-lhe novos personagens e deslocando o cenário da área rural para a área urbana da vila de Óbidos. A narrativa de *O Coronel Sangrado* destaca-se por ser mais extensa, desfiando com esmero e nitidez e com um estilo mais primoroso os costumes regionalistas de Óbidos. Reproduzindo com admirável fidelidade e perspicácia o cotidiano das populações amazônicas, tais narrativas permitem entrever entre os temas recorrentes na prosa inglesiana, o da ‘civildade’. Pode-se indagar como os códigos de ‘civildade’ e *ethos* urbano são apropriados, reelaborados e assimilados pelas populações ribeirinhas. De que modo norteiam as expectativas e aspirações de seus moradores? O que caracteriza o conceito de ‘civildade’ no imaginário obidense? Teria havido de fato uma *belle époque* em Óbidos? Para tentar responder a essas questões e lançar luz sobre conceitos tão controversos quanto ‘civildade’ e ‘matutice’ faz-se mister empreender uma análise minuciosa da série *Cenas da Vida no Amazonas*, a partir das obras *O Cacauleiro* e *O Coronel Sangrado*.

4.1 ‘Civildade’ e ‘Matutice’ nas obras de Inglês de Sousa

Ao contrário do que se pode pensar, nem os hábitos requintados, nem as roupas vistosas ou o sotaque da capital causam tanta admiração aos ribeirinhos quanto o letramento dos ‘doutores’, juízes, alferes e políticos de Belém. Por educação, entenda-se aqui, a mera instrução básica, o saber ler e escrever, o assinar o próprio nome, assim como as maneiras polidas, reservadas e elegantes dos moços da capital. Cabe lembrar que nessa época grande parte da população de Óbidos, inclusive a mais abastada, era analfabeta, conseqüência esta de uma estrutura educacional precária e deficiente no município. Em *O Coronel Sangrado*, o narrador define a mãe de Mariquinha nos seguintes termos:

(...) sua mãe fora uma mulher como não podia deixar de tê-la por esposa um homem como o coronel. Não sabia ler, nem escrever, grosseira em excesso, de uma baixeza de linguagem e de sentimentos que caracteriza entre nós as mulheres do povo, e que geralmente no Amazonas apresenta também a mulher mesmo na classe mais elevada (SOUSA, 1968, p. 32)

Embora considerada prerrogativa de ‘civildade’, a educação não figurava nas prioridades das famílias obidenses, pouco ou nada preocupadas em dar aos filhos ao menos a instrução elementar. Comumente enfrentando a própria resistência dos pais para estudar, como em *O Cacaunista*, não raro é a insistência de um sacerdote ou padrinho que viabiliza a educação da criança. João Faria, pai de Miguel Fernandes, por exemplo, tido como ‘homem ignorante’, que preferia criar o filho ‘a lei da natureza’, votava às letras um profundo desprezo pois “o cacau para crescer, e o gado para produzir não precisavam de padres nem de doutores” (SOUSA, 1968, p. 42). Após o aprendizado básico, que incluía o domínio da escrita, da leitura e das quatro operações, aos meninos era facultado o direito de continuar os estudos elementares e secundários nos colégios de Belém ou Manaus. Às meninas, entretanto, cabia dominar a arte das prendas domésticas, dos cuidados com os filhos e nas lides da casa. Neste contexto, é que Mariquinha, filha do coronel Sangrado, por recomendação médica e em virtude de grave moléstia, é enviada à Santarém, aonde acidentalmente acaba por concluir os estudos.



Tendo recebido “uma educação que não recebera ainda nenhuma menina de Óbidos” (SOUSA, 1968, p. 56), tal diferencial acaba constituindo desvantagem para a moça, que considerada presunçosa, torna-se alvo de despeito e inveja por parte das colegas.

Em *O Cacanlista*, desgostoso, após uma profunda desilusão amorosa e a perda de uma causa latifundiária, Miguel Fernandes foge de Óbidos e parte para Belém buscando ‘no trabalho e na ilustração’ da capital, força suficiente para arquitetar uma vingança contra a família Ribeiro. No entanto, com o passar do tempo e a convivência com o patrão - homem culto e sensato - e a instrução que adquire lendo ‘alguma coisa ou outra’, Miguel vê seus impulsos truculentos e instintos de vingança se arrefecerem. Neste tocante, graças à ação ‘civilizatória’ da capital paraense, o intento de vingança dá lugar a sentimentos mais nobres e elevados. Se a ‘civilização’ por um lado pode mudar as idéias e ilustrar o espírito dos homens, por outro nada lhe modifica nas coisas do coração. “Era isso efeito do poderoso impulso da civilização, que lhe alargara as órbitas estreitas das idéias (...) mas se a civilização lhe modificara as idéias, não havia tido grande influência sobre os seus sentimentos” (SOUSA, 1968, p.44)

Após viver cinco anos em Belém, com a “sociedade mais culta do Pará”, o protagonista já apresentava “todos os exteriores do homem civilizado”, embora conservando muito do pescador do Paranameri. “A vida da cidade conseguira modificar-lhe o caráter e abrandar-lhe o gênio, mas não o curou radicalmente” (SOUSA, 1968, p.73). Se em 5 anos de vida cidadina, Miguel ainda não havia sido ‘curado’ de sua ‘matutice’, é porque esta, visceralmente entranhava em sua personalidade, já fazia parte de sua natureza. Isso explica o episódio de quando criança ter ele fugido da casa de seu tio e tutor, ao ser obrigado a decorar umas tantas regras gramaticais, obtusas e incoerentes. “Miguel era uma natureza selvagem e ardente, de que uma educação civilizadora apenas aparara as pontas, cortara os ângulos bruscos, encobria as exterioridade” (SOUSA, 1973, p.73).

Após um longo período de ausência, trabalhando como caixeiro em Belém, o protagonista retorna a Óbidos, recebendo, para sua surpresa, um tratamento respeitoso e cheio de cerimônias. Não demora muito para despertar o interesse de Mariquinha, moça educada em colégio de Santarém, que ficara impressionada com a sua ‘delicadeza de trato’ e a sua urbanidade, reveladoras de uma educação superior à da gente da terra. Se por um lado, Miguel sente-se lisonjeado com o tratamento cortês que recebe dos conterrâneos, por outro, se incomoda com a



maneira cerimoniosa e distante com que passa a ser tratado pelos antigos vizinhos e compadres, temerosos do seu *status* ‘civilizado’. Assim como o canto agourento do acauã, o trinado da ‘civilidade’ suscita nos obidenses sentimentos dúbios de medo e fascínio, insegurança e curiosidade. Aborrecido, Miguel se queixaria à amiga Rita, nos seguintes termos:

Sou para todos o moço do par, um estranho. Um ser importuno, cujas ironias se temem, e cujas maneiras são uma crítica acerba e ultrajante aos simplíssimos costumes do Amazonas. Sou um homem em cuja presença a gente precisa estar com cerimônias e amabilidades, e quem se oculta o coração, como uma coisa que serviria de pasto á zombaria (...) ninguém quer conversar comigo, porque receiam todos dizer alguma tolice que eu anote cuidadosamente em minha carteira de viagem (SOUSA, 1968, p.89)

Ou ainda, confessando:

Para mim não existem as franquezas da alma, as boas franquezas que fomentam as amizades duradouras, ninguém a mim se quer mostrar tal qual é, ninguém quer conversar comigo, porque receiam todos dizer alguma tolice que eu note cuidadosamente em minha carteira de viagem; onde está o tempo em que eu era o bem-vindo em todas as casas, em que se abriam diante de mim todas as portas em que ninguém tinha segredos para mim? Não sou eu por acaso o mesmo Miguel que era dantes? Sou ou não sou? Não sou, ao que parece, porque todos não podem ter mudado, e quem certeza quem mudou fui eu. Mas é isso o que eu não posso crer, porque sinto dentro de mim que sou ainda o mesmo que era Dante. O meu coração não mudou, os meus afetos são os mesmos. Sou pois levado a crer na desconsoladora realidade...os outros é que mudaram (SOUSA, 1968, p.105)

O português Inácio Antunes, encontrando-se por acaso com Miguel no Panarameri, surpreende-se com o fato de um ‘rapaz educado na capital’, preferir pescar tucunarés e peixes-bois, ao invés estar, ‘namorando as raparigas bonita” na cidade. Essa auto-depreciação da cultura ‘matuta’, essa desvalorização do estilo de vida e valores da terra são muito comuns nas falas das personagens de Inglês de Sousa. Em conversa com o futuro sogro tenente-coronel Ribeiro, o alferes Moreira, de Belém, assim se manifesta no tocante aos obidenses:

- (...) não acredito muito nesses letrados da roça. Por mais que um homem seja inteligente, metendo-se por estes matos, acabou-se.
- Tem muita razão, olá se tem! Pois, não é? Aqui não tem uma pessoa muitas ocasiões de exercitar o que aprendeu.



- E até desaprende! Sim, senhor, e até desaprende. Dizia o Dr B... que antes queria morrer do que habitar longe dos centros populosos, onde não encontrasse gente pensadora. Ora, mas o que hão de fazer os desgraçados condenados a este deserto? Vivem desconhecidos, caluniados...e se valem um pouco mais do que o geral, não encontram quem os entenda. (SOUSA, 1968, 60)

A partir desse diálogo depreende-se que o ‘matuto’, mesmo o mais letrado e talentoso, por ter nascido na roça e nela viver, acaba inevitavelmente embrutecendo-se. A falta de ‘gente pensadora’ com quem interagir, faz com que o homem valoroso e inteligente defina, vagando como uma sombra pela verde imensidão dos cacauais. Neste contexto, vítima da calúnia, do anonimato e da incompreensão, o cidadão prefere antes mil vezes morrer do que habitar longe dos grandes centros. Na concepção de padre José, tio de Miguel Fernandes, os ‘filhos da terra’ não devem ocupar cargos públicos municipais, por serem interesseiros, desonestos, parciais e de ‘grosseira educação’. Os ‘de fora’, em contrapartida, “moços mais bem educados do que aqueles que nunca saíram desses matos”, desempenham seu ofício com muito mais eficiência e ligeireza. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que Óbidos é considerada por seus moradores como um remanso provinciano de ‘matutice’, por outro, em comparação com povoados e vilas menores, tais como Alenquer, Faro e Vila, ela é tida como um reduto de ‘civildade’. Tal dualidade evidencia-se na discussão travada entre o Coronel Sangrado e alguns vereadores:

Deus queira que os senhores tomem a peito o bem do município. Olhem que Óbidos já é uma cidade civilizada; é preciso que os nossos vereadores se lembrem disto. Que quer dizer o Manuel do porto soltar a soltar os cavalos no centro da cidade e o Justino deixar que os bois pastem na rua de S. Francisco? Uma coisa que se precisa acabar é com o péssimo costume de criar porcos nos quintais...há de por forças fazer mal à saúde (...) que é do capitão Batista se mandou capinar a frente de casa? (SOUSA, 1968, p.122)

No tocante às preferências amorosas, os ‘matutos’ de Óbidos encontram-se em franca desvantagem em relação aos moços ‘civilizados’, vindos de Belém e que, disputadíssimos, constituem o alvo incontestado das matutas casadoiras. Antevendo no casamento com Moreira uma forma de mudar-se para a capital, Ritinha sonha com o dia em que poderá “andar todo dia de sapato e meias” e usar aos domingos seus vestidos de cassa ou musselina, uma vez que “não quer que pensem que é



matura, que não sabe se vestir” (SOUSA, 1968, p.156). Alvo de desejo e cobiça por parte das mulheres e de inveja e ódio por parte dos homens, os moços da cidade não encontram, quando o assunto é galanteio, música e vestuário, concorrentes à sua altura. Porém, quando a questão é casamento ou noivado, esse grupo não desfruta do respaldo da seriedade e da confiança, tendo a fama de ludibriar e enganar as mulheres com seus ardis citadinos. Entre ter de optar por ficar sozinha ou casar com ‘um matuto’, as obidenses, entretanto, não titubeiam: preferem abraçar o celibato. Nesse tocante, Benedita aconselha Ritinha:

- Estes moços da cidade, desde que tem dez anos já namoram, e mudam de namorada. Uma não agrada muito tempo.
- Mas há alguns que são sérios
- Quais! Todos são a mesma coisa.”
- (...)
- “- A Josefa disque reza todos os dias um padre-nosso a Santo Antonio para que não a case com um matuto.
- E qual é o moço da cidade que há de casar com ela? - A Joana disque antes quer ser solteira toda a vida do que ser mulher de roceiro! (SOUSA, 1968, p.77)

Tal temor faz-se presente nos pensamentos de Rita, que receando perder o afeto do alferes Moreira, não descarta a possibilidade de se casar com Miguel, ‘um rapazinho a quem ninguém fazia caso’, ‘um matuto’, que nem ao menos tinha uma ‘calça de casimira’ ou sabia dançar. Ademais um verdadeiro moço da cidade era coisa rara, ela mesma nunca vira um, “senão quando muito criança, um ou outro negociante ou doutor...casado”. A preferência da moça por Moreira, ‘o civilizado’, em detrimento de Miguel, ‘o matuto’, funciona como a força motriz, o dínamo da estória.

Faça o leitor idéia dos sofrimentos de Miguel; (...) ferido ao vivo com os exagerados elogios que as raparigas faziam ao moço de fora, depreciando os rapazes da terra; despeitado como estava do que ouvira a Moreira, e ainda mais do que fizera a Rita, as palavras das duas irmãs eram para Miguel um verdadeiro suplício. Assim não se pode ter que não dissesse, interrompendo a ladainha: – Acham-no tão boa coisa? Casem-se com ele (SOUSA, 1968, p. 38)

Apesar de ser um ‘rapazola sacudido’ que já esteve no Pará, e sabe escrever com ‘letra redonda’, Miguel Fernandes não é páreo para o alferes Moreira, que nasceu e viveu toda sua vida



em Belém e possui como sinal distintivo de sua classe, a polidez, a educação e a elegância em contraposição à brejeirice, à simplicidade e ao estilo provinciano de Miguel. A rivalidade observada entre Miguel e Moreira durante toda a trama, representa o embate travado entre a ‘cidade progressista’ e o ‘interior atrasado’, a ‘civildade’ e a ‘matutice’. Na série *Cenas da Vida no Amazonas*, enquanto o interior rural enseja a tradição, o atraso, a simplicidade e a harmonia da província, os centros cosmopolitas encarnam a urbanidade, a sofisticação, a ciência e a desarmonia da urbes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Mauro V. **O Romance da Vida Amazônica: uma leitura socioantropológica da obra de Inglês de Sousa**. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)**. São Paulo: José Olympio, 1950.
- DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorhe Zahar Ed, 2000.
- BATES, Henry. **Um naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. Col Reconquista do Brasil, vol. 53, 1974.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SEVENKO, Nicolau (org.) **Álbuns de Família e Ícones da Intimidade**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOUSA, Inglês de. **O Cacaquista**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- _____. **O Coronel Sangrado**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

Revista Cá & Lá, no.12, set., 1917. Manaus, Amazonas

Revista Cá & Lá, no.5,out.,1917. Manaus, Amazonas.

Revista Cá & Lá, no.8., maio,1917. Manaus, Amazonas.

Revista Cá & Lá, no.26, maio.,1917. Manaus, Amazonas.

